

A Cruz e a Espada.

“Símbolos no Sítio Histórico de Vila Velha”

Christiane de Lima Silveira Tomazini.
Diemerson Saquetto.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

T655c Tomazini, Christiane de Lima Silveira.
A cruz e a espada [recurso eletrônico]: símbolos no sítio histórico de Vila Velha / Christiane de Lima Silveira Tomazini, Diemerson Saquetto. – 1. ed. - Vitória : Instituto Federal do Espírito Santo, 2019.
39 p. : il. ; 22 cm.

ISBN: 978-85-8263-480-6 (E-book)

1. História – Vila Velha (ES). 2. Memória coletiva – Vila Velha (ES).
3. Identidade social. 4. Patrimônio histórico – Vila Velha (ES).
5. Arquitetura religiosa – Vila Velha (ES). 6. Professores – Formação.
I. Saquetto, Diemerson. II. Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título.

CDD 21 – 981.52

Elaborada por Marcileia Seibert de Barcellos – CRB-6/ES - 656

Copyright © 2019 by Instituto Federal do Espírito Santo

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme
Decreto N° 1.824, de 20 de dezembro de 1907.

O conteúdo dos textos é de inteira responsabilidade dos respectivos autores.

Observação:

Material didático público para livre reprodução.

Material bibliográfico eletrônico e impresso.

Catalogação na Publicação (CIP)

(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

Realização:



Instituto Federal do Espírito Santo

Rua Barão de Mauá, 30, Jucutuquara - Vitória, Espírito Santo. CEP: 29040-860.
Tel. +55 (27) 3198.0910

Comissão Científica

Antonio Donizetti Sgarbi
Diemerson Saquetto
Fabiana da Silva Kauark
Fernanda Zanetti Becalli

Autoria

Christiane de Lima Silveira Tomazini
Diemerson Saquetto

Autor do Desenho Artístico da capa.

Luciano Alvarenga (Boi)

Apoio de Fotografia

Christiane de Lima Silveira Tomazini
Eduardo Souza Tomazini
Marco Aurélio da Silva Silveira

Apoio de Pesquisa

Alexandre Mattos Ferrari
Altamar Carlos de Souza
Christmas da Silva RLeão do Santos
Diego Lamas de Novaes
Lucrécia Faria Almenara
Manoel Queiros Junior
Mariza Barros Ribeiro da Vitória
Vanderleia Leon Pugnall

Revisão do Texto

Fernanda Alves da Silva Fernandes

Editoração

Eduardo Souza Tomazini

Produção e Divulgação

Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades
Instituto Federal do Espírito Santo - Campus Vitória
Av. Vitória, 1729, Bairro Jucutuquara
Vitória, Espírito Santo. CEP: 29040-860

JADIR PELA
Reitor

ANDRÉ ROMERO DA SILVA
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

RENATO TANNURE ROTTA DE ALMEIDA
Pró-Reitor de Extensão

ADRIANA PIONTTKOVSKY BARCELLOS
Pró-Reitora de Ensino

LEZI JOSÉ FERREIRA
Pró-Reitor de Administração

LUCIANO TOLEDO DE OLIVEIRA
Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional

IFES – CAMPUS VITÓRIA

HUDSON LUIZ COGO
Diretor Geral

MARCIO ALMEIDA CÓ
Diretor de Ensino

CHRISTIAN MARIANI DOS SANTOS
Diretor de Extensão

ROSENI DA COSTA SILVA PRATTI
Diretora de Administração

MÁRCIA REGINA PEREIRA LIMA
Diretora de Pesquisa e Pós-Graduação

LEONARDO BIS
Coordenador do PPGEH

AUTORES



Christiane de Lima Silveira Tomazini

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades (PPGEH) do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), bem como professora de História no Ensino Básico da Rede Estadual do Espírito Santo. Graduada em História pela Universidade Federal do Espírito Santo no ano de 2002, especialista em História das Relações Políticas pela mesma instituição no ano de 2004. Ainda, graduada em Pedagogia pelo INET no ano de 2014 e especialista em Gestão educacional integrada pela Faculdade de Vitória no ano de 2016.



Diemerson Saquetto

Bacharel e licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), graduado em psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Mestre em História Social e Política (UFES), Doutor e pós-doutor em Psicologia (UFES). Diretor Geral do campus Vila Velha no Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), professor do Mestrado Profissional em Ensino de Humanidades, do Mestrado Profissional em Ensino de Química, e de diversas graduações e modalidades de ensino técnico do IFES.

Apresentação

08

Introdução

09

1- "A Espada, a cruz e a fome iam dizimando a família selvagem." Pablo Neruda

12

2- Forte São Francisco Xavier da Barra

16

3- Gruta Frei Pedro Palácios

20

4- Convento da Penha

22

5- Igreja do Rosário

26

6- Proposta de Itinerário Formativo

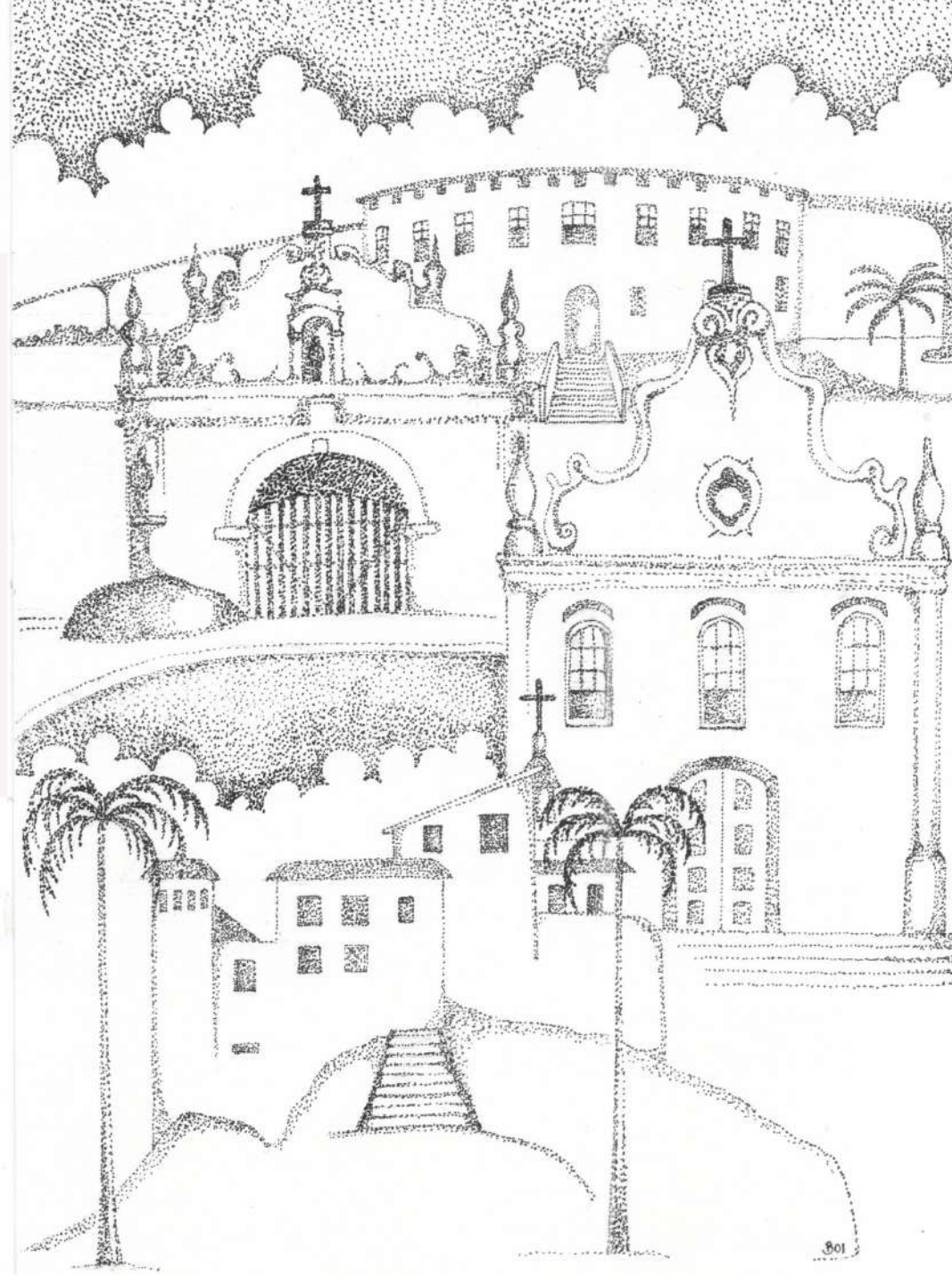
32

Conclusão

37

Referências

38



801

Este material educativo está inserido no contexto da História do Espírito Santo, logo, da História do Brasil, partindo da ocupação do território espiritosantense ocorrida a partir do século XVI pelos europeus. Integra uma pesquisa de Mestrado Profissional em Ensino de Humanidades, do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES)-Campus Vitória, bem como inserido em análises do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação na Cidade e Humanidades(GEPECH).

A investigação “ O Sítio Histórico da Prainha de Vila Velha/E.S em debate na formação de professores: memória e identidade social” ,desenvolvida entre os anos de 2017 e 2019, está vinculada à linha de pesquisa de formação de professores, cujo objetivo é apresentar o Sítio Histórico da Prainha de Vila Velha a partir da análise das possíveis marcas deixadas pelos europeus em alguns patrimônios histórico-culturais dessa região. Analisaremos a simbologia da Cruz e da Espada, presentes nessas construções, objetivando discutir e problematizar conflitos, contradições, detalhes e apagamentos não considerados pela Historiografia oficial, entretanto, importantes para uma perspectiva crítica do conhecimento e do ensino. Pretendemos promover caminhos de valorização da memória coletiva e da identidade espiritosantense, e, assim da História local e da História do Espírito Santo , considerando a importância dos espaços não-formais como recursos educacionais na (re)construção do saber e fazer histórico .

De maneira geral, apresentaremos alguns patrimônios do espaço geográfico do Sítio histórico da Prainha de Vila Velha e as marcas deixadas nos mesmos, centralizando nosso olhar e recorte histórico nas diversas modificações estruturais ocorridas no patrimônio histórico-cultural da Igreja de Nossa Senhora do Rosário desde os primórdios de sua construção ocorrida, possivelmente, a partir do século XVI até o que encontramos nos nossos dias atuais. Buscaremos indícios e/ou vestígios dos responsáveis pelas modificações nesse patrimônio, localizado na região do Sítio Histórico da Prainha de Vila Velha -E.S. Acompanharemos as marcas deixadas pela Cruz e pela Espada nessa construção patrimonial tombada pelo IPHAN, bem como possíveis apagamentos proporcionados pelos europeus na memória e identidade local .Ainda, buscaremos possíveis marcas da simbologia da Cruz e da Espada em alguns dos seguintes patrimônios históricos e culturais, localizados no Sítio Histórico da Prainha de Vila Velha-E.S: o atual Forte São Francisco Xavier da Barra, a

gruta Frei Palácios, o Convento da Penha. Assim, analisaremos essas construções partindo da simbologia da frase de Pablo Neruda “A espada, a cruz e a fome iam dizimando a família selvagem.”

Entendemos a importância desse material educativo, a partir da seguinte questão: De que modo o estudo do Sítio Histórico da Prainha de Vila Velha pode contribuir para a elaboração de material educativo, direcionado ao ensino da História do Espírito Santo, com foco na valorização da memória coletiva e da identidade social/capixaba, partindo da análise nas modificações ocorridas em alguns monumentos históricos da região e, em específico, da Igreja do Rosário?

Acreditamos que estudar alguns patrimônios da História do Espírito Santo, localizados no Sítio histórico da Prainha de Vila Velha /E.S, contribuirá com o fortalecimento da memória coletiva e da identidade social espiritosantense, bem como nos proporcionará desvelar um pouco mais da História local e, assim, da História do Espírito Santo. Espera-se que o material possa oferecer suporte para os docentes da educação básica, de maneira a resgatar a História do Espírito Santo, sua memória coletiva e identidade social, a partir do Sítio histórico da Prainha de Vila Velha.

Nesse contexto, na introdução, iniciamos o presente material apresentando a definição de sítio histórico com ênfase no Sítio Histórico da Prainha de Vila Velha . Em seguida, o capítulo 1 explica a frase de Pablo Neruda “A espada, a cruz e a fome iam dizimando a família selvagem” , relacionando-a com nosso contexto de estudo. Já o capítulo 2 , analisa a simbologia da Espada no Forte São Francisco Xavier da Barra. Os capítulos 3, 4 e 5 apresentam a simbologia da Cruz e , especificamente, analisam , nessa ordem, a Gruta Frei Pedro Palácios, o Convento da Penha e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário. O capítulo 6 é uma proposta de itinerário formativo e, em seguida, a conclusão apresenta nossas expectativas em relação a esse material educativo.

Por fim, esse material engloba ações de estudos com professores da rede pública e se destina aos professores que atuam na educação básica, bem como aqueles que desejam explorar os espaços do Sítio Histórico da Prainha de Vila Velha para ensinar sobre a História Local e/ou a História do Espírito Santo.

INTRODUÇÃO

O centro/sítio histórico de uma cidade é a área mais antiga que se tornou progressivamente o centro da cidade moderna, e que coincide normalmente com o núcleo de origem do aglomerado, de onde irradiaram outras áreas urbanas sedimentadas pelo tempo, conferindo assim a esta zona uma característica própria cuja delimitação deve implicar todo um conjunto de regras tendentes à sua conservação e valorização, além de ser composto por patrimônios ou monumentos históricos e culturais de acordo com IPHAN.

Colonizado por portugueses a partir de 1530, o Brasil possui diversas cidades históricas oriundas de sítios históricos. No período colonial da História do Brasil, isto é, do século XVI até o século XIX, diversas regiões se tornaram um importante tesouro histórico e arquitetônico, logo, em cidades históricas espalhadas por todo o país. Cons-

truções como palácios, casas de Câmara, cadeias, construções religiosas entre outros são bastante procuradas pelos interessados em aprender mais sobre o Brasil e sua origem.

Os sítios históricos se tornaram cidades que por sua vez se conservaram em patrimônios históricos. Aquelas que correspondem ao seu próprio surgimento durante o século XVI, citamos alguns exemplos, como: Salvador-BA, Porto Seguro- BA, Paraty-RJ, Olinda-PE, Penedo- AL, São Francisco do Sul-SC, Vila Velha-ES, Vitória- ES, etc. Exemplos do século XVII foram Belém-PA e São Luís-MA, entre outros. Do século XVIII citamos: Ouro Preto-MG, Diamantina-MG, Alcantara-MA, Tiradentes-MG entre diversas cidades constituintes de sítio histórico. Veja na imagem 1, abaixo, a distribuição das cidades históricas e/ou sítios históricos que, aliás, muitas delas conseguiram se conser-

Imagem 1 - Algumas Cidades e/ou Sítios Históricos no Brasil



Fonte: Disponível em: <https://viagemeturismo.abril.com.br/materias/fotos-conheca-29-cidades-historicas-do-brasil/>. Acesso em 31-05-18

var em patrimônios históricos e culturais.

Percebemos na mesma imagem 1 que a constituição de cidades históricas, enfim, os sítios históricos estiveram ligados a proximidade com o mar, além dos interesses econômicos de exploração da região. Essa situação levou a construção de fortes nessas cidades litorâneas para imposição do poder militar aos moradores da terra e aos estrangeiros. Inclusive, o padrão lusitano de ocupação também privilegiou a construção dos monumentos religiosos em diversas cidades citadas e entendidas como sítio histórico ou cidade histórica. Logo, era confirmada a influência e dominação de várias ordens como: os jesuítas, carmelitas, franciscanos, beneditinos, e outras, transformadores do espaço físico por

meio de suas construções e aculturadores dos povos originários por meio da catequese. No nosso contexto de estudo, exemplificamos o caso da atual cidade de Vila Velha. Constituída por construções históricas, tombadas como patrimônios históricos ou reconhecidas como monumento cultural, que constituem o Centro Histórico de Vila Velha, localizado no bairro prainha. No projeto de lei nº44/2015, esse Centro histórico é chamado de Sítio histórico da Prainha de Vila Velha. Essa lei determina a criação do Sítio Histórico da Prainha de Vila Velha com objetivo de preservar o patrimônio cultural, histórico, religioso e paisagístico da região delimitada na lei citada e apresentado na imagem 2 a seguir. Inclusive, a região delimitada na imagem 2, apresenta os símbolos históricos, cultu-

rais e patrimoniais que analisaremos, isto é, a Igreja do rosário, a gruta Frei Palácios, o Convento da Penha e o atual Forte São Francisco Xavier da Barra. Observe, abaixo, na imagem 3 essas regiões, bem como a reportagem sobre a criação do Sítio histórico da Prainha de Vila Velha/E. S na imagem 4.

Dentro desse sítio histórico da prainha de Vila Velha/E. S, encontramos patrimônios Históricos e/ou construções, simbologias da frase de Neruda que analisaremos a seguir, logo, a frase de autoria de Neruda diz que “A espada, a cruz e a fome iam dizimando a família selvagem.”

Veremos , que a simbologia da Cruz e da Espada estão presentes em alguns patrimônios históricos-culturais da região do Sítio Histórico da Prainha , localizado no Estado do Espírito Santo. Vale ressaltar que usamos a ideia de simbolo e/ou simbologia , a partir de Abbagnano(2007, p.1070) ,

“(....)o mundo simbólico é portanto um procedimento não necessariamente de produção mas sempre de uso do texto, que pode ser aplicado a todo texto (...), através de uma decisão pragmática(“que-ro interpretar simbolicamente”)...”

Imagem 2 - Sítio histórico da prainha de Vila Velha/ES



Tudo que está dentro da demarcação em Vermelho é o Sítio histórico da Prainha de Vila Velha, segundo o Projeto de lei Nº 044/2015 que cria o Sítio Histórico da Prainha de Vila Velha . Essa lei não revoga a Lei nº 3.013/1995, tendo em vista que a mesma não foi publicada no Diário Oficial em tempo legal, portanto sem eficácia.

Imagem 3 - Sítio histórico da prainha de Vila Velha/ES



Fonte: Acervo do IPHAN E.S.

Imagem 4 - Nota de jornal sobre a criação do Sítio Histórico da Prainha de Vila Velha /ES



Fonte: Acervo do IPHAN E.S.

1 “A Espada, a cruz e a fome íam dizimando a família selvagem” Pablo Neruda

Pablo Neruda, poeta chileno, nasceu em 12 de julho de 1904, na cidade de Parral (Chile). Seu nome verdadeiro era Neftalí Ricardo Reyes Basoalto. Foi em 1920 que surgiu o pseudônimo Pablo Neruda –uma homenagem ao poeta tchecoslovaco Jan Neruda (1834-1891). Em Neruda e sua frase “A espada, a cruz e a fome iam dizimando a família selvagem” obtivemos a inspiração para o título desse capítulo, bem como para nossa abordagem nesse material educativo. O poeta chileno é considerado um dos mais importantes escritores do século XX.

Na frase de Neruda, a cruz simboliza o uso da catequese para transformar em escravo aquele índio que vivia livremente em sua aldeia de origem, além de simbolizar a Guerra Justa e os Resgates, isto é, formas aprovadas pelo rei, abençoadas pela religião. Uma operação de recrutamento da força de trabalho e de desalojamento dos índios de suas terras por diversos meios que acabavam levando a acul-

turação desses povos originários. A espada simboliza os conquistadores e o choque entre o mundo europeu, que conhece a metalurgia, que possui armas de fogo contra índios que desconhecem o ferro, aço e com armas menos eficazes como as lanças, arcos e flechas. Através das armas europeias, os povos originários que não conheciam nada além de seu mundo, eram escravizados, mortos, capturados e vendidos. A fome simboliza a dizimação dos índios pelas doenças e pela fome, visto que o indígena era obrigado a trabalhar para o europeu não tendo tempo para seu próprio plantio. Além disso, morriam de fome ou doença contraída no contato com os europeias.

No caso da colonização do solo espíritoossantense, observamos indícios da simbologia da Cruz em diversas construções existentes até hoje no espaço do Sítio histórico da prainha de Vila Velha/E. S, como no(a): gruta Frei Palácios, Convento da Penha e Igreja do Rosário. Veja as imagens 5,6,7 a seguir, como exemplo da cruz.

Imagem 5- A Igreja do Rosário em Vila Velha/E. S, símbolo da cruz na colonização do solo espíritoossantense.



Fonte: Acervo pessoal

Imagem 6- O convento da Penha em Vila Velha/E.S, símbolo da cruz na colonização do solo espíritoossantense.



Fonte: Acervo pessoal

Imagem 7- A Gruta Frei Pedro Palácios em Vila Velha/ E.S, símbolo da cruz na colonização do solo espíritoossantense.



Fonte: Acervo pessoal

A Espada, na colonização do solo espíritoossantense, pode ser simbolizada pelo atual Forte São Francisco Xavier que, inicialmente era chamado de Forte Piratininga. Veja a imagem 8.

Imagem 8- O Forte São Francisco Xavier em Vila Velha/ E.S, símbolo da espada na colonização do solo espíritoossantense.



Fonte: Acervo pessoal

Percebemos que ao chegar na região da atual prainha em Vila Velha/E. S, hoje localizado o Forte São Francisco Xavier, no solo espírito santense, os portugueses desembarcaram pelo mar e encontraram habitantes nessa região. A historiografia registra que a atual cidade de Vila Velha foi marcada pela chegada da nau Glória, no dia 23 de maio de 1535, na Prainha, em Vila Velha, foi cenário de guerra e resistência por parte dos nativos que ali viviam. Os povos originários foram identificados como selvagens pelos europeus. Registra que os europeus foram recebidos com flechas e só desistiram quando eles revidaram com canhões e armas de fogo. Seriam eles os causadores de Vasco Fernandes Coutinho resolver transferir a capital para uma região distante a cerca de 6,5 KM da Vila do Espírito Santo, ou seja, distante da atual região da Prainha em Vila

Velha? Os constantes ataques indígenas levaram os portugueses a abandonarem à Vila do Espírito Santo? Dúvidas provenientes da leitura de somente uma versão, a dos europeus. Fico a pensar como os povos originários, os dominados, escreveriam esse acontecimento do ponto de vista deles. Infelizmente, não encontramos registro desse olhar do dominado.

A antiga Capital, localizada na prainha, em Vila Velha/E. S, foi transferida em 1550 da Vila do Espírito Santo (atual Vila Velha) para a chamada Vila Nova (atual bairro de Santo Antônio em Vitória). Em virtude da vitória portuguesa sobre novos ataques do grupo de Goitacazes, a Vila Nova passou a se chamar de Vila da Nossa Senhora da Vitória, atual Vitória.

Goitacazes ou Goitacás.

Nação indígena chamada, pelos tupis, de goitacás. Podemos traduzir o nome goitacás como corredor, ou nadador. Atualmente, é de conhecimento geral que os Goitacazes são do tronco chamado de macro-gê, e não falavam o tupi. Eram, grosso modo, tapuias (bárbaro ou inimigo em tupi).

Desses povos originários, buscamos encontrar marcas de sua cultura na região da atual cidade de Vila Velha, entretanto, até o momento, prevalecem construções historicamente europeias, tombadas como patrimônios históricos ou reconhecidas como monumento cultural, constituindo o Sítio histórico da Prainha de Vila Velha. O desaparecimento dos povos originários, chamados de indígenas, e/ou a aculturação que passaram e passam hoje,

é algo que percebemos ao estudar o espaço geográfico desse sítio histórico. Essa ausência de referências a presença desses grupos humanos no espaço revela estratégias e marcas do processo de colonização, enfim, de uma certa dominação. Ainda assim, buscaremos tais evidências nos lugares apresentados na imagem 9, enfim, a partir dos monumentos que analisaremos nos capítulos desse material educativo.

Imagem 9- Igreja Nossa Senhora do Rosário, Gruta Frei Palácios, Convento da Penha e Forte São Francisco Xavier.



Fonte: Imagem editada a partir do Google Earth Pro

A partir dos monumentos evidenciados no mapa acima, seguiremos nossa análise no capítulo dois com o atual Forte São Francisco Xavier da Barra, um símbolo da Espada, logo, uma marca do uso da força utilizada pelos Portugueses no território espírito santense para conquista dos povos originários .

No capítulo três, quatro e cinco apresentaremos patrimônios históricos-culturais que

representam o símbolo da Cruz presente no território espírito santense. Assim, o capítulo três abordará a Gruta Frei Palácio, o capítulo quatro o Convento da Penha e o capítulo cinco a Igreja do Rosário. No Capítulo seis, propomos um itinerário formativo voltado para o Sítio Histórico da Prainha de Vila Velha/E.S, seguido de nossa conclusão com expectativas em relação a esse material educativo.

2 Forte São Francisco Xavier da Barra

O Forte São Francisco Xavier da Barra fundado em 1679, representa a arquitetura militar portuguesa na defesa da Baía de Vitória. Ao longo dos séculos, o Forte passou por adaptações e reformas, destacando-se as realizadas em 1726, quando lhe foi dada a forma circular. Em 1862 foi cedido a ma-

rinha logo após como uma escola de aprendizagens de marinheiros extinta em 1866. Hoje abriga o 38º BI de Infantaria e é considerado o marco da presença do exército no Estado.

Imagem 10- Forte São Francisco Xavier da Barra.



Fonte: Acervo pessoal

O forte acima, assim como os demais do período colonial da História do Brasil, era construído como prova de posse do território e, assim, de domínio e poder. Além disso, os fortes eram voltados para o mar e serviam para vigiar possíveis

invasões estrangeiras. Constituíam-se, de uma maneira ou outra, como símbolo ameaçador e mantenedor da ordem. A imagem abaixo, imagem 11, representa bem o posicionamento dos fortes em relação ao mar. Uma maneira de proteção da região contra invasores e de saída para trocas comerciais.

Imagem 11 - Forte São Francisco Xavier da Barra e sua posição com o mar.



Fonte: acervo pessoal

O forte São Francisco Xavier da Barra foi o marco da ocupação e da defesa da Capitania do Santo no período colonial. Enfim, simboliza a espada da frase de Pablo Neruda “A

espada, a cruz e a fome iam dizimando a família selvagem.” Observe a imagem 12 como representante da defesa e proteção territorial.

Imagem 12- Vista para o mar de dentro do 38º Batalhão de Infantaria, especificamente em um dos canhões do forte que simboliza um dos pontos estratégicos de proteção contra invasões.



Fonte: acervo pessoal

O Forte São Francisco Xavier da Barra está localizado no Sítio Histórico da Prainha de Vila Velha/E. S, dentro do 38º Batalhão de Infantaria do Exército Brasileiro. Dentro do forte há exposições de imagens, documentos e fontes históricas.

Imagem 13- Exposição no Forte São Francisco Xavier da Barra sobre a colonização do solo espírito-santense dentro da sala Duque de Caxias.



Fonte: acervo pessoal

A exposição apresentada na imagem 13 foi criada, em 02/09/2010, como espaço cultural do 38º Batalhão de Infantaria por meio da portaria nº 818. O espaço cultural conta com uma sala sobre a colonização do solo espírito-santense e a sala de armas. A visitação deve ser previamente agendada.

Nos capítulos seguintes, três, quatro e cinco, apresentamos três monumentos que representam a simbologia da Cruz no território do Sítio Histórico da Prainha de Vila Velha, enfim, no Solo Espírito-santense.

#visitação

O Forte São Francisco Xavier da Barra.

Horário de Funcionamento: De Terça a Quinta-Feira, das 9:30 às 10:50hs e de 13:00 às 16:00hs.
Tel.: (27)3229-5117
Grupos de estudantes devem **agendar previamente pelo email** mp38bi@hotmail.com

Gruta do Frei Pedro Palácio

Localização: Rua Antônio Ferreira de Queiroz. Área urbana. Prainha.
Mais informações: (27) 3229-5117
Não precisa de agendamento.

Convento da Penha

Localização: Rua Almirante Tamandaré. Prainha. Ferreiras de Queiroz. Área urbana. Prainha.
Mais informações: (27) 3229-0420
Não precisa de agendamento para os espaços fora da Igreja do Convento.

Igreja do Rosário

Localização: Rua Almirante Tamandaré. Prainha.
Horários: Domingo: 8h e 17h; terça-feira: 19h30. e sexta-feira: 13h30.
Mais informações: (27) 3239-3113
Se marcar agendamento com um grupo, a igreja abre para visitação.

Sugestão de atividades :

- * Registre todos os momentos com fotos e/ou vídeos.
- * Compartilhe em suas redes sociais.
- * Crie um projeto de exposição #CurtieCompartilhei.
- * Promova um projeto de releitura por meio de exposição de cordéis.
- * Proporcione uma roda de conversa para compartilhar os diversos olhares sobre os espaços visitados.

3 Gruta Frei Pedro Palácios.

A Gruta Frei Pedro Palácios, estabelecida em 1558, período colonial, deixa a cruz em evidência na dominação do solo espíritosantense ao se tratar de uma gruta que abrigou o franciscano Frei Pedro Palácios. Frei retratado na História eurocêntrica como alguém muito bom para os povos originários, uma pessoa de Deus pronta para enviar a sua mensagem. Mas, o que será que esses povos pensavam sobre o Frei? Infelizmente, não sa-

bemos, não há documentos com a visão dos povos originários em relação ao europeu. Entretanto, deduzimos que tal harmonia não está presente na construção deixada pelo mesmo. Todo resquício histórico deixado na região não apresenta a cultura dos povos originários ou índios como era chamado pelo dominador europeu. Encontramos, vestígios das construções religiosas, do símbolo da Cruz, da catequese, da aculturação dos indígenas.

Imagem 14- Gruta Frei Pedro Palácios.



Fonte: acervo pessoal

Na imagem 14, página anterior, da esquerda para direita vemos a imagem de Nossa Senhora dos milagres, a Gruta Frei Pedro Palácios e uma antiga entrada para o Convento da Penha. Observamos indícios da religião europeia, através da imagem da Santa, e, assim, símbolo de permanência da cultura europeia. No antigo portão para o Convento e no abrigo da Santa, observamos traços do

Barroco como a preferência pelas curvas e contornos na arquitetura. Do lado esquerdo da gruta foi colocada, desde 1864, uma placa comemorativa que homenageia o Frei Pedro Palácios. Inclusive, na exposição histórica dentro do 38º Batalhão de Infantaria, encontramos mais homenagem ao Frei, veja:

Imagem 15- Imagem de Frei Pedro Palácios encontrada no Museu do 38º Batalhão de Infantaria



Fonte: acervo pessoal

Frei Pedro Palácios era da ordem religiosa dos Franciscanos. A Ordem dos Frades Menores (em latim Ordo Fratrum Minorum, O.F.M.), também conhecida por Ordem de São Francisco, por Ordem dos Franciscanos ou Ordem Franciscana, é a ordem religiosa fundada por São Francisco de Assis e que se propõe a ajudar o próximo. Assumiam a missão de viver e pregar o Evangelho. Não era uma Ordem Clerical (Ordem composta por sacerdotes), como outras que já existiam. O próprio Francisco não quis ser sacerdote e os primeiros

frades também não tinham esse objetivo. Dividia-se em ordem dos frades menores – primeira ordem franciscana; clarissas – segunda ordem franciscana; ordem franciscana secular – terceira ordem franciscana. Essa ordem foi essencial para a dominação portuguesa no chamado Novo Mundo. Inclusive, foi o Frei Pedro Palácios que contribuiu no futuro para a construção do Convento da Penha que iremos abordar no capítulo seguinte.

4 Convento da Penha.

O Convento da Penha fundado em 1652 e tombado como patrimônio histórico cultural pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1943, foi construído como símbolo da fé cristã e reflexo da vida de Frei Pedro Palácios. Inclusive, a história do convento perpassa a história da Gruta Frei Pedro Palácios. Foi o quadro pintado com Nossa Senhora trazido da Europa, pelo frei, que indicou o lugar onde seria construído o Convento. Assim, a primeira vez, em 1568, o Frei construiu um pequeno abrigo ao lado da sua gruta dedicada a São Francisco de Assis, onde foi pendurada a pintura. Depois, o Frei mandou trazer de Portugal uma imagem grande de Nossa Senhora para colocar em uma igreja que ele pretendia construir em cima da pedra, no alto do penhasco. Quando a imagem chegou, ganhou o nome de Nossa Senhora da Penha.

Muitas são as crenças religiosas que marcaram a construção do Convento da Penha, observado na imagem 16 e 17, logo, percebemos que a construção é mais um símbolo religioso, no espaço da atual prainha, revela a presença da ordem franciscana na região e, consequentemente, o espaço dominador escondido no simples gesto de levar a fé católica por meio da catequese e dos religiosos. Era a cruz presente na colonização. Ainda, presentes até os dias atuais, estão os elementos convenientes a dominação como: a acomodação, o sossego e permanência. A acomodação ao se estabelecerem próximo ao mar, sem modificar o lugar de maneira que pareça significativa, buscando o sossego na aculturação e não em conflito. Permanência por meio de restaurações, reafirmação da força militar, construção e consolidação das estruturas religiosas como meio de acultramento.

Imagem 17- Convento da Penha.



Imagem 16- Convento da Penha. Visto da 3ª ponte.



Fonte: acervo pessoal

O Convento da Penha bem como a Igreja do Rosário, segue o estilo barroco, embora cada uma tenha sua peculiaridade, logo, ambas são barrocas. O contorno e a iluminação apresentados com

detalhes na arquitetura as definem barrocas. Internamente, luzes, detalhes e contraposição de luz e sombra reafirmam o barroco. Na imagem 18, abaixo, isso fica evidente.

Imagem 18- altar da Igreja Convento da Penha.



Fonte: Acervo pessoal

Segundo Endringer (1999, p. 6) “[...] ao falarmos em arte religiosa, referimo-nos, concretamente, ao estilo barroco que servirá como pano de fundo ou como fio condutor[...]”. Conforme isso, a arte da imagem 18 é barroca. As imagens dos santos são vistas como uma espécie de presença viva, capaz de receber e transmitir o culto dos devotos, fazendo do catolicismo do povo transmissor da fé e da espiritualidade, assim como educador do gosto artístico, do belo, da estética, do simbólico e criador de uma peculiar identidade cultural. Identidade do outro e de seus valores espirituais, em detrimento a fé de seus progenitores. Uma espécie de evan-

gelização libertadora de si mesmo, em prol da fé católica. Enfim, que se liberta de sua cultura e se aprisiona na cultura europeia. A aplicação da missão de evangelizar da Igreja Católica por meio da expressão artística com objetivo de que os povos originários pratiquem a iniciação na fé católica e promova a sustentação dessa nova fé em novos devotos. Veja o Convento da Penha em antigas imagens (imagem 19) e como sua ação sobre o meio é extremamente significativa a ponto de transformar o lugar inserido observado na imagem 20, comparando com a imagem 19.

Veja na comparação da imagem 19 com a imagem 20, que as transformações ocorrem ao longo do tempo. Inclusive, tais mudanças também provenientes da dominação ocorreram ao longo da história fosse socialmente, culturalmente, historicamente e espacialmente. Na imagem 19, observamos um tempo historicamente antigo e que claramente o espaço permanece quase inalterado.

Apresenta vasta vegetação e traços incipientes de urbanização ou da ação do homem. Nela se destaca a Igreja, o convento, símbolo do decoro português, símbolo da dominação. Na imagem 20, atualidade, a mudança do espaço é nitida-

mente urbana. Nela várias construções urbanas se destacam, contudo, a arquitetura mais imponente permanece sendo o Convento, a Igreja. As modificações espaciais perduraram e aumentaram aos longos dos anos a medida que o espaço se transformava. Veja no entorno do Convento da Penha da imagem 21, abaixo, a urbanização ocorrendo em volta da pedra que esse símbolo está construído. Parece que há uma movimentação de urbanização próxima ao símbolo que é um patrimônio histórico e cultural. Enfim, os imóveis construídos nessa região ganham um valor de mercado maior devido a simbologia social, histórica, cultural e turística que o Convento proporciona.

Imagem 19- Convento da Penha



Fonte: IPHAN /E.S.

Imagem 20- Convento da Penha. Atualidade



Fonte: IPHAN /E.S.

Imagem 21- Mapa de Delimitação da Poligonal de Entorno do bem tombado “Outei E.S. Mapa: Hyago Haros / Abril 2017.



Fonte: Acervo IPHAN E.S. Mapa: Hyago Haros / Abril 2017.

A imagem acima, representa uma cidade que foi se (re)significando de maneira expansiva, desordenada e ficando alguns monumentos materiais como resquícios de uma história vivida, ainda permanente. Apresentando uma simbologia dos construtores europeus e tipicamente com elementos da Cruz, assim

como veremos no próximo capítulo na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, localizada em Vila Velha- Prainha- E.S, demais elementos da dominação pela simbologia da Cruz.

5 Igreja do Rosário.

A Igreja Nossa Senhora do Rosário é uma igreja católica localizada no Sítio Histórico da Prainha, no município de Vila Velha, no Estado do Espírito Santo. Oriunda da ampliação da mais antiga capela edificada na Capitania do Espírito Santo, e construída

pelo seu primeiro donatário, Vasco Fernandes Coutinho, em 1535, período colonial da História do Brasil. Esta igreja é um marco da colonização do solo espíritossantense e pode ser observada na imagem 22 a seguir.

Imagem 22- Lateral da Igreja do Rosário em V.V/ E.S



Fonte: acervo pessoal

Alguns atribuem o título à Igreja de ser a mais antiga e em funcionamento do país, porém de acordo com o IPHAN a Igreja mais antiga do Brasil está localizada no município de Igarassu em Pernambuco, à 27 Quilômetros do Recife. A Igreja de Nossa Senhora do Rosário é o único templo da América que conserva a história do Padro-

ado (A Doutrina da Igreja Católica do Novo Mundo), tendo preservado o documento de doação das santas relíquias de São Colombo e São Liberato como suas ditas relíquias na pedra D'Ara. Veja, abaixo, na imagem 23 e 24, uma dessas relíquias no altar da Igreja do Rosário.

Imagem 23- Altar localizado na Igreja do Rosário com a pedra D'Ara. Em seguida a imagem 24 do documento.



Fonte: acervo pessoal.

Imagem 24- O documento que está na pedra D'Ara.



Fonte: acervo pessoal

O templo, onde está a relíquia acima, passou por várias reformas, citamos a do ano de 1908. Instalados os atuais altares, em 1912 a estrutura foi reforçada devido à instalação da linha do bonde, em 1980 foi removida toda a estrutura de madeira do coro que foi substituída por uma nova em concreto armado. No ano de 2015 foi iniciada uma reforma que durou um ano e foram realizados reparos na estru-

tura, tratamento do reboco, adaptações de acessibilidade, recuperação de adornos e dos elementos decorativos. A última reforma proporcionou o resgate histórico das pinturas artísticas, o retorno do coro em estrutura de madeira e a reforma completa no telhado da igreja. Veja na imagem 25 a seguir.

Imagem 25- Fachada da Igreja do Rosário em V.V/ E.S



Fonte: acervo pessoal.

Essa última reforma contou com a mobilização da comunidade católica Nossa Senhora do Rosário que arrecadou di-

nheiro para tal reestruturação, conforme a reportagem da imagem 26 na página seguinte.

Imagem 26- Reportagem de jornal sobre a restauração o ano de 2015 da Igreja do Rosário



Fonte: acervo pessoal.

Essa obra teve a autorização do IPHAN e foi iniciada pelo telhado, a imagem 27 em seguida mostra a péssima situação da Igreja e do telhado antes da reforma. Visível as

consequências da infiltração pelo telhado e a degradação provocada pelo tempo e pela não conservação constante do patrimônio.

Imagem 27- Interior da Igreja do Rosário em V.V/ E.S. Antes da reforma e depois da reforma em 2015



Fonte: acervo pessoal.

Percebemos , nas imagens 28 e 29 abaixo, que a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, em Vila Velha/E.S, apresenta o estilo barroco. Estilo ainda presente e constatado nas imagens 22 e 25 .Enfim, “[...]A própria cultura barroca serviu de identidade espiritual e sustentáculo para religiosidade e identidade cultural do povo capixaba[...]” (ENDRIGER,p.7,1999). A arte barroca originária de Roma , se expandiu pela Itália e Europa , até, chegar a Portugal .

Imagem 28- Frente da Igreja do Rosário correspondente ao ano de 1978.



Fonte: Acervo do IPHAN E.S.

Dialogando com a imagem acima , observamos uma preciosa informação em Bastos(2012) quando ele chama de urbanismo conveniente luso-brasileiro, a formação das povoações no Brasil-colônia condicionada a preceitos de :Decoro (acatamento das normas morais; dignidade, recato no comportamento; decência), conveniência e adequação. Os três preceitos levaram a: regras;doutrinas;costumes que moldavam os povos dominados conforme o interesse e a cultura do europeu. O decoro, aliás, foi um dos aspectos mais importantes do processo de povoamento ou urbanização que contribuiu para

A coroa portuguesa nos ofereceu os elementos do estilo que , ao poucos, faria parte de nossa própria identidade. Identidade construída por meio do decoro, isto é, do uso da decência e de normas morais na expansão portuguesa. Favorecia a fortificação da fé católica e europeia em detrimento da fé e cultura dos povos originários. “[...]Um urbanismo conveniente luso-brasileiro[...]” (Bastos, p.201, 2012)

Imagem 29- Fundos da Igreja do Rosário correspondente ao ano de 1978.



Fonte: Acervo do IPHAN E.S.

consolidação de uma política de expansão e conservação das conquistas e povoações . Inclusive,Portugal estabeleceu os “novos descobrimentos”, a partir de elementos que eram convenientes a dominação sem que parecesse como tal: acomodação, sossego e permanência. Portugal conciliou as conveniências metropolitanas e as conveniências coloniais. Os instrumentos de Portugal que convinha a ele e ditavam as regras: Câmara, governador da capitania, engenheiros para coerção. Seguidos da Igreja e suas construções, além de fortificações representantes da força militar e próximas ao mar.

Os elementos convenientes a dominação ,sem que parecesse como tal , eram a acomodação, sossego e permanência. As imagens atuais da Igreja do rosário , imagem 22, 23, 25 e 27, apresentam o elemento permanência. A própria conservação do estilo Barroco, adotando o formato artístico nas construções da Igreja Católica, marcado pelos temas religiosos e a riqueza nos detalhes das formas, na pintura ou na escultura, a preferência pelas curvas e contornos em detrimento das figuras geométricas, acrescentado da importância da luz e o jogo de luz e sombra, evidenciam o barroco e a permanência. Permanece os elementos estruturais de origem portuguesa, de origem dominante Todos os três encontramos na colonização do solo espíritossantense na construções e estrutura da Igreja do

Rosário e do Convento da Penha. Ainda, na construção de fortificação representante da força militar e próxima ao mar que é o Forte São Francisco Xavier da Barra, antes, em 1535, chamado de Forte Piratininga, bem como na Gruta de Frei Pedro Palácios . Logo, não encontramos elementos ou símbolos dos povos originários da região espíritossantense , enfim, as estruturas e todas as modificações realizadas partiram do interesse europeu.

Objetivando a visita desse espaço e dos demais espaços, bem como a apropriação e estudo da história local com vista à construção de uma memória coletiva e uma apropriação da identidade social/cultural é que propomos um roteiro de visita mediado no próximo capítulo.

Saiba mais...

O Patrimônio Histórico-Cultural de um povo ou de um lugar é tudo que se relaciona com sua identidade , material ou imaterial, sendo revitalizado por meio de Políticas Públicas, realizadas pelo IPHAN(Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), e, que contribuem para o revigoramento da memória de um povo.

No Estado do Espírito Santo, podemos visitar o IPHAN/E.S:

Superintendência do Iphan no Espírito Santo

Rua José Marcelino, 203/205, Centro, Vitória, Espírito Santo .

CEP 29015-120. Tel: (27) 3223-0606

www.iphan.gov.br/es

iphan-es@iphan.gov.br

6 Proposta de Itinerário Formativo.

Objetivando o diálogo com o local de estudo, da (re)construção de uma história local, da construção de uma memória coletiva e uma apropriação da identidade social/cultural espírito-santense que pensamos na proposta de um itinerário formativo. Nossa proposta de intervenção é uma ação de formação continuada com aplicação de um itinerário formativo, e construção de um itinerário formativo e, assim, um roteiro de visita mediada, com professores de História da educação básica, atuantes na rede pública de ensino, interessados em discutir e compreender o Sítio Histórico da Prainha e seu potencial educativo, dentre outros temas ligados a educação na cidade, a memória coletiva e a identidade social atrelados a História do Espírito Santo. Realçamos que se trata de uma ação de formação em pequenos grupos de estudos. Os encontros desses grupos contemplaram momentos de estudos teóricos, análise desse produto e relatos de experiências didáticas, objetivando, futuramente, a aplicação de visitas mediadas com as turmas que lecionam.

Diante disso, realizamos a formação dentro de algumas escolas da rede pública estadual, no momento de planejamento da área de Ciências Humanas, no espaço da Biblioteca que possui computadores e mesas de estudos. Inicialmente, os professores participantes que lecionam a disciplina de História, preencheram o termo de consentimento livre e esclarecido e o termo de cessão de imagem e voz para fins educacionais. Posteriormente, num dado segundo momento da formação, esses educadores nos forneceram uma coleta de dados por meio de informações registradas no preenchimento de questionário com seus dados pessoais e também com questões sobre o ensino de História do Espírito Santo/Sítio histórico da Prainha e sobre o próprio material educativo elaborado na forma de e-book. Após os preenchimentos mencionados, partimos para um terceiro momento, onde analisamos o e-book gerando um momento de reflexões com uso de imagens, mapas, postais e a criação de uma proposta

de roteiro de visita mediada para ser aplicado com estudantes futuramente. Num quarto momento, aplicamos o Itinerário Formativo com os professores participantes para análise e viabilidade do mesmo com os estudantes, objetivando a proximidade do professor-participante da realidade em estudo, bem como a análise da aplicabilidade desse itinerário, enquanto sugestão de roteiro de visita mediada para aplicação com estudantes na aula de História. Assim, uma aproximação com a História do Espírito Santo por meio da visita ao Sítio Histórico da Prainha. Esse momento foi registrado por meio de imagens e foi realizado em conjunto com educadores – educando, partindo da iniciativa e organização dos educadores participantes dessa pesquisa. O quinto momento da formação, inclusive o último, foi dedicado a analisar a visita mediada realizada, compreendê-la enquanto itinerário formativo, compartilhar possíveis momentos de replicabilidade e novas ações voltadas para a valorização da memória e da identidade social da História do Espírito Santo.

"Onde quer que haja mulheres e homens, há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender."

Paulo Freire.

MOMENTOS DA FORMAÇÃO COM OS PROFESSORES PARTICIPANTES



Caminhandando...

Caminhando um trajeto de Histórias, de culturas, de bens materiais e imateriais.

Um caminho marcado de vestígios. Vestígios do outro? Nossos? De quem?

Caminho outrora, ou agora, simbolizado pela Cruz e pela Espada?

Cruz? Espada? O outro?

Caminhando pelos espaços, certamente vestígios encontraremos e quem sabe desvelaremos um passado outrora encoberto?



No nosso quinto momento da formação, percebemos que a visita mediada serviu tanto para educadores como para educandos, enquanto itinerário formativo, partindo da concepção de Itinerários e processos formativos, conforme a Lei nº 9.394/1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), que apresenta, em seu primeiro artigo, a expressão processos formativos para auxiliar a definição da própria palavra educação: “Art. 1º. A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas mani-

festações culturais.”

Diante disso, “A expressão processos formativos, nesse caso, é utilizada para indicar a diversidade de fatores relacionados ao processo de constituição humana e que, dessa maneira, interferem diretamente no processo educativo”, conforme Gabriel Mathias Carneiro Leão e Rosane de Fátima Batista Teixeira, no seu artigo intitulado ITINERÁRIOS FORMATIVOS: CAMINHOS POSSÍVEIS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, p.6884, 2015, apresentado no XII Congresso Nacional de Educação e na imagem 30.

Imagem 30 - Itinerários como processos formativos.



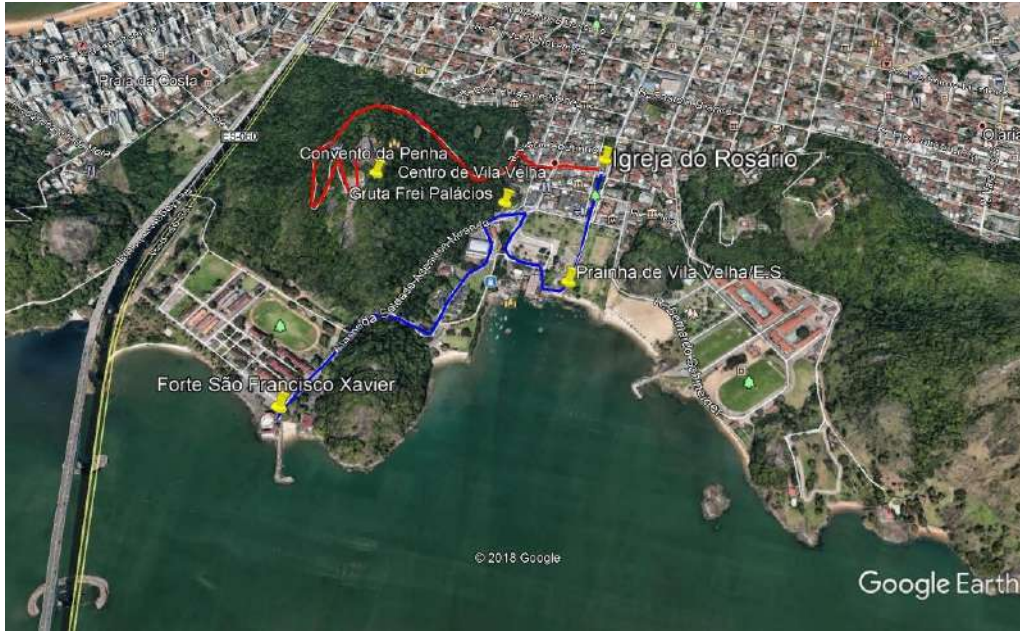
Fonte: LEÃO E TEIXEIRA . p 6884, 2015

Compreendemos que é necessário considerar os itinerários pessoais dos sujeitos envolvidos com o processo de ensino aprendizagem: estudantes e professores, visto que a formação da identidade de cada indivíduo é influenciada pela educação (formal ou informal) e pela cultura as quais teve contato e através das relações construídas no ambiente familiar, acadêmico ou do trabalho.

de itinerário formativo, aplicado, construído e validado por educadores e educando, nos espaços de estudo dessa pesquisa, veja a proposta na página seguinte:

Entendendo a educação como um processo formativo constante, que nossa formação continuada nos forneceu a seguinte proposta

CONCLUSÃO.



Da Igreja do Rosário até a gruta Frei Palácios e depois o Forte São Francisco Xavier. Do forte retornaremos a Igreja do Rosário. Da Igreja do Rosário, nos deslocaremos para o Convento da Penha. Do Convento da Penha até a Igreja do Rosário e fim da visita mediada.

Assim, nossa sugestão de visita mediada e/ou itinerário formativo, apresentado acima e construída coletivamente com os professores participantes, seguiu a cronologia de espaço/tempo da visita: conhecimento/reconheci-

mento dos espaços da Igreja do Rosário, da Gruta Frei Pedro Palácios, do Forte São Francisco Xavier da Barra e do Convento da Penha.

A proposta de itinerário formativo apresentado nesse material e aplicado com educadores e educandos alcançou seu objetivo de (re)conhecimento do educador ao espaço do sítio histórico, bem como dos estudantes para quem lecionam, de maneira que um sujeito aprendeu com o outro por meio da troca e de um novo olhar, um olhar investigativo dos espaços e das construções. Inclusive, essa visita mediada, enquanto itinerário formativo e conforme relato dos professores – participantes, gerou novos projetos de replicabilização do roteiro proposto, visto que a aceitação e validação da proposta pelos estudantes participantes foi tão grande que os mesmos compartilharam com outros estudantes, e esses estudantes cobram, constantemente, uma nova visita ao Sítio Histórico da Prainha de Vila

Velha/E.S. Os professores participantes relatam que atendendo a uma solicitação dos estudantes participantes, que registraram o momento por meio de imagens e/ou vídeos, promoveram a exposição dessas imagens através de um mural cultural com frases informativas e reflexivas, assim socializando a visita mediada dentro do ambiente escolar e promovendo o resgate da memória e identidade atreladas ao contexto da História do Espírito Santo. Observamos essa exposição nas imagens dessa página.

Enfim, conforme relatado pelos professores-participantes “estão surgindo novos projetos voltados para a História do Espírito Santo.”



Desejamos que novos projetos surjam em favor de uma educação dialógica, participante, reflexiva e de valorização da História do Espírito Santo e, assim, da História local. Uma história contada por todos os envolvidos em sua construção. Uma história de fortalecimento da memória coletiva e de valorização da identidade espírito-santense. Enfim, uma História que seus sujeitos vivenciem os espaços enquanto lugar de práxis.

REFERÊNCIAS.

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. 5ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 1210p.

BASTOS, Rodrigo Almeida. O urbanismo conveniente luso-brasileiro na formação de povoações em Minas Gerais no século XVII. In: Dossiê - caminhos da história da urbanização no Brasil-colônia. Anais do Museu Paulista: História e Cultural material. São Paulo. N. sér. n. 1. p. 201-230. jan-jun 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010147142012000100008>. Acesso em : 1/11/2017.

BASTOS, Fernanda Pereira. Prainha: recuperação do contato mar-terra. 2006. 100f. Projeto de graduação apresentado ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo. UFES, Vitória, 2006. 100p.

BERGANTINI, Evelyn Paneto. Centro histórico e paisagem cultural: prainha- Vila Velha-ES. 2013. 115f. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo. UFES, Vitória, 2013. 114p.

DAEMON, Basílio Carvalho. Província do Espírito Santo: sua descoberta, história cronológica, sinopse e estatística. Coordenação, notas e transcrição de Maria Clara Medeiros Santos Neves. – 2.ed. – Vitória: Secretaria de Estado da Cultura; Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2010. 684 p.

ENDRINGER, Edeimar. Arte Barroca e catolicismo do povo brasileiro. Estudo sociológico de arte religiosa barroca e catolicismo popular no Convento da Penha do Estado do Espírito Santo. DISSERTATIO AD DOCTORATUM IN FACULTATE SCIENTIARUM SOCIALIUM APUD PONTIFICIAM UNIVERSITATEM S. THOMAE IN URBE. Romae. 1999. Traduzido na língua portuguesa por meio do IPHAN-E.S. Disponível em Vitória/E. S: IPHAN/ES. Acesso em 26/01/2018. 373p.

ESPÍRITO SANTO (Estado). Arquivo público do Estado do Espírito Santo. Vitória, 2017. Disponível em: <<https://ape.es.gov.br/Not%C3%ADcia/arquivo-publico-entrega-300-livros-para-o-sistema-estadual-de-bibliotecas>>. Acesso em 24/06/2017.

GOOGLE. Google Earth Pro. Disponível em: <https://www.google.com/earth/>. Acesso em 11/03/2018.

LEÃO, Gabriel Mathias Carneiro e TEIXEIRA, Rosane de Fátima Batista. Itinerários formativos: caminhos possíveis na educação profissional. Disponível em : https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20338_11485.pdf. Acesso em 20 de junho 2019.

MINISTÉRIO DA DEFESA. EXÉRCITO BRASILEIRO. 38º Batalhão de Infantaria. Disponível em: <http://www.38bi.eb.mil.br/espaco-cultural-forte>. Acesso em: 25/01/2018.

NOVAES, Maria Stella. História do Espírito Santo. Vitória/ES: Fundo editorial do Espírito Santo. s/d.

455 p

PRATA, Maria Catharina Reis Queiroz. O Patrimônio da Posse - um estudo militar do Espírito Santo no período colonial. 2010. 198f. Dissertação (Mestrado em Artes- concentração em Patrimônio e Cultura). Programa de Pós- graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo. UFES, Vitória, 2010. Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_3817_O%20PATRIMONIO%20DA%20POSSE_um%20estudo%20da%20arquitetura%20militar%20do%20Esp%EDrito%20Santo%20no%20per%EDodo%20colonial.pdf. Acesso em : 30/05/2017.

SALETTTO, Nara. Donatários, colonos, índios e Jesuítas. O início da colonização do Espírito Santo. 2ª ed. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2011. 140p.

SANTOS, Jair. O Anacoreta: revisitando a história do Convento da Penha. Vila Velha- ES: Ed. GSA Gráfica e Editora, 2008. 131p.

SOUZA, Luana Zatta de. Memória e história do lugar: um projeto de requalificação para o sítio histórico da prainha. 2012. 152f. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Vila Velha como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo. UVV, VV, 2012. Disponível em : <https://issuu.com/luanazatta0/docs/tcc_luana_zatta>. Acesso em 24/04/2017.

VILA VELHA /ES. Câmara Municipal de Vila Velha. Projeto de lei Nº 044/2015 que cria o Sítio Histórico da Prainha de Vila Velha e que não revoga a Lei nº 3.013/1995, tendo em vista que a mesma não foi publicada no Diário Oficial em tempo legal, portanto sem eficácia. Disponível em: <http://cmv.es.gov.br/Arquivo/Documents/PL/PL1062015.pdf>. Acesso em: 24/06/2017.

